

# Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white, sans-serif font centered within a solid blue rectangular background.

## Da praça pública ao espetáculo globalizado [The public square to the global spectacle]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Machado, Ricardo
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-06-27 15:45:29
Link to Item	<a href="http://hdl.handle.net/20.500.12424/158238">http://hdl.handle.net/20.500.12424/158238</a>

# Da praça pública ao espetáculo globalizado – A pedagogia da punição em tempos de midiatização

Manoel Barros da Motta faz um recorrido histórico sobre a punição no Brasil e analisa os processos de midiatização do castigo como dispositivo de poder

Por Ricardo Machado

**D**a cena que Michel Foucault descreve em *Vigiar e Punir: O nascimento da prisão* (Petrópolis: Vozes, 1987), em que um condenado por parricídio tem os membros arrancados por quatro cavalos, “ajudado” apenas por pequenos cortes feitos por um cutelo, à espetacularização das ações policiais nas mídias contemporâneas há, de fato, poucas mudanças. “A pulsão escópica desvelada no filme *The Nightwalker* – o abutre –, em que os crimes noturnos em Los Angeles eram transmitidos a partir dos detalhes mais violentos e mórbidos, é de fato uma prática comum da TV brasileira e também do rádio”, avalia o professor e pesquisador Manoel Barros da Motta, em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**.

O professor analisa a conjuntura atual do sistema carcerário brasileiro a partir de uma visada histórica sobre o tema no Brasil e traça um paralelo com a obra foucaultiana. “O castigo público no Antigo Regime e mesmo na Antiqui-

dade greco-romana e na Judeia, com as crucifixões, enforcamentos, torturas em público, tem um paralelo com o que ocorre atualmente. O cinema com cenas de perseguição, explosões, incêndios magnifica estes espetáculos. Sem dúvida, o crime e o castigo estão inscritos na dimensão contemporânea do espetáculo”, destaca. Ao pensar sobre as exigências dos sujeitos contemporâneos, Manoel destaca que as dinâmicas atuais levaram à exacerbação do individualismo e do consumismo.

**Manoel Barros da Motta** é graduado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ onde também realizou mestrado em Filosofia e doutorado em Teoria Psicanalítica. É membro da Associação Mundial de Psicanálise e atualmente leciona na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, onde também é vice-presidente do Comitê de Ética Pública.

**Confira a entrevista.**

**IHU On-Line - O que é crime? Qual é a ideia central que está por trás das justificativas teóricas que classificam as condutas criminosas? Como este conceito foi se atualizando ao longo dos séculos na sociedade brasileira?**

**Manoel Barros da Motta** - A pergunta apresenta muitas questões combinadas. Ela mereceria ser desdobrada, talvez, em uma outra sequência de questões. Isso porque

o crime tem uma relação estreita com a lei. Mesmo Lacan<sup>1</sup> situa

<sup>1</sup>**Jacques Lacan** (1901-1981): psicanalista francês. Realizou uma releitura do trabalho de Freud, mas acabou por eliminar vários elementos deste autor (descartando os impulsos sexuais e de agressividade, por exemplo). Para Lacan, o inconsciente determina a consciência, mas ainda assim constitui apenas uma estrutura vazia e sem conteúdo. Confira a edição 267 da revista **IHU On-Line**, de 04-08-2008, intitulada *A função do pai, hoje. Uma leitura de Lacan*, disponível em <http://bit.ly/ihuon267>. Sobre Lacan, confira, ainda, as seguintes edições da revista **IHU**

o crime em sua relação com a lei. Esta é feita por um determinado

**On-Line**, produzidas tendo em vista o *Colóquio Internacional A ética da psicanálise: Lacan estaria justificado em dizer “não cedas de teu desejo”? [ne cède pas sur ton désir]?*, realizado em 14 e 15 de agosto de 2009: edição 298, de 22-06-2009, intitulada *Desejo e violência*, disponível em <http://bit.ly/ihuon298>, e edição 303, de 10-08-2009, intitulada *A ética da psicanálise. Lacan estaria justificado em dizer “não cedas de teu desejo”?*, disponível em <http://bit.ly/ihuon303>. (Nota da **IHU On-Line**)



## Na história brasileira recente, a repressão contra adversários políticos durante a ditadura militar era admitida com expediente de tortura

grupo, pela sociedade. Mesmo na concepção de São Paulo<sup>2</sup> é a definição da lei e da graça que configura o crime. O castigo é visto por muitos como uma forma de dissuasão tais quais as execuções violentas do Ancien Régime.

A culpabilidade é compartilhada por todos os sujeitos que fazem parte de um mesmo sistema simbólico. Mas, ao punir, deve-se levar em conta as responsabilidades dos sujeitos. Diferentemente do que pensa certa psiquiatria, a psicose e a loucura não eximem os criminosos de responsabilidades. É o que se pode ver em inúmeros casos como o de Landru, o *serial killer* da "belle époque" que teve grande impacto na sociedade francesa com os crimes que cometera durante a Primeira Guerra Mundial.

<sup>2</sup>**Paulo de Tarso** (3 – 66 d. C.): nascido em Tarso, na Cilícia, hoje Turquia, era originalmente chamado de Saulo. Entretanto, é mais conhecido como São Paulo, o Apóstolo. As suas Epístolas formam uma seção fundamental do Novo Testamento. Afirma-se que ele foi quem verdadeiramente transformou o cristianismo numa nova religião, superando a anterior condição de seita do Judaísmo. A **IHU On-Line** 175, de 10-04-2006, dedicou sua capa ao tema *Paulo de Tarso e a contemporaneidade*, disponível em <http://bit.ly/ihuon175>, assim como a edição 286, de 22-12-2008, *Paulo de Tarso: a sua relevância atual*, disponível em <http://bit.ly/105Sq3R>. Também são dedicadas ao religioso a edição 32 dos **Cadernos IHU Em Formação**, *Paulo de Tarso desafia a Igreja de hoje a um novo sentido de realidade*, disponível em <http://bit.ly/ihuem32>, e a edição 55 dos **Cadernos Teologia Pública**, *São Paulo contra as mulheres? Afirmação e declínio da mulher cristã no século I*, disponível em <http://bit.ly/ihute055>. (Nota da **IHU On-Line**)

**IHU On-Line** - Como o expediente do "castigo" foi usado e constituído no Brasil? Qual a implicação política desta prática?

**Manoel Barros da Motta** - O expediente do "castigo" foi usado no período colonial associado ao trabalho. O uso do chicote, da violência associada ao trabalho, estava inserido no coração do sistema escravista. No Rio de Janeiro, por exemplo, os castigos se faziam no calabouço quando a Casa de Correção da Corte foi construída. Era um sistema sádico, de torturas públicas, com penas de 100 chibatadas que levavam à morte instantânea. E com um pouco menos levava a infecções mortais.

### Império

No império, discutir o número de chibatadas – se todas de uma vez ou por etapas – era uma questão a ser tratada pelo conselho de Estado no Segundo Reinado. Por outro lado, os castigos contra crimes políticos como o crime de lesa-majestade implicavam a pena de morte acompanhada de suplícios, como a fogueira a que foi submetido o teatrólogo Antônio José,<sup>3</sup> o judeu. Ou o enforcamento seguido de esquartejamento como no caso

<sup>3</sup> **Antônio José da Silva Coutinho** (1705–1739): foi um escritor e dramaturgo português nascido no Brasil colônia. Formado na universidade de Coimbra, escreveu o conjunto da sua obra em Portugal entre 1725 et 1739. É hoje considerado um dos maiores dramaturgos portugueses de todos os tempos. Morreu no dia 19 de Outubro de 1739 na fogueira às mãos da Inquisição. (Nota da **IHU On-Line**)

de Tiradentes.<sup>4</sup> Isto até a vinda de D. João VI.<sup>5</sup>

Na história brasileira recente, a repressão contra adversários políticos durante a ditadura militar era admitida com o expediente da tortura, as mais cruéis, porque não eram codificadas como as do período absolutista. Isso também era resultado de um modelo de repressão internacional aos movimentos de libertação nacional como os ocorridos na Argélia e no Vietnã.

**IHU On-Line** - De que maneira o legado de Foucault, principalmente a obra *Vigiar e Punir: O nascimento da prisão*, nos ajuda a compreender os sistemas de repressão no Brasil? Quais chaves de leitura esta obra oferece?

**Manoel Barros da Motta** - Michel Foucault conheceu nosso país na época da ditadura militar e interrompeu seu curso na Universidade de São Paulo - USP em protesto contra a morte de Vladimir Herzog.<sup>6</sup> Seu livro nos ajuda a enten-

<sup>4</sup> **Joaquim José da Silva Xavier**, o Tiradentes (1746 -1792): foi um dentista, tropeiro, minerador, comerciante, militar e ativista político carioca que atuou no Brasil colonial, mais especificamente nas capitanias de Minas Gerais e Rio de Janeiro. No Brasil, é reconhecido como mártir da Inconfidência Mineira, patrono cívico e herói nacional. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>5</sup> D. **João VI de Portugal** (1767-1826): cognominado O Clemente, foi rei de Portugal entre 1816 e a sua morte. Segundo dos filhos de D. Maria I de Portugal e de seu tio Pedro III, herdeiro da coroa como príncipe do Brasil e 21º Duque de Bragança após a morte do irmão mais velho José, Duque de Bragança em 11 de setembro de 1788, vitimado pela varíola. Em novembro de 1807, D. João VI decidiu pela transferência da corte portuguesa para o Brasil, evitando ser aprisionado com toda a família real e o governo, tornando possível manter a autonomia portuguesa a partir do Rio de Janeiro. Sobre a vinda da família real ao Brasil, leia a **IHU On-Line** número 263, de 24-06-2008, intitulada *A Corte Portuguesa no Brasil. Mitos e verdades*, disponível para download em <http://migre.me/KIFM> (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>6</sup> **Vlado Herzog** (1937-1975) jornalista, professor e dramaturgo nascido na Croácia, mas naturalizado brasileiro. Passou a assinar "Vladimir" por considerar seu nome muito exótico nos trópicos. Tornou-se famoso pelas consequências que teve de assumir devido suas conexões com a luta comunista contra a ditadura militar, autodenominada movimento de resistência contra o regime do Brasil, e também pela sua ligação com o Partido Comunista Brasileiro. Sua morte

der todas as privações que impõe a vida carcerária, privações físicas de fome e frio ou outras privações morais que vão além da perda da liberdade. Isso inclui todos os procedimentos de normalização que a sociedade de controle tenta impor ao corpo dos governados e não apenas aos presos.

Por outro lado, seu livro nos ajuda também a entender a crise de nossa sociedade disciplinar em que os modos de gozo do sujeito contemporâneo, como o uso de drogas, faz explodir o número de detentos nos presídios brasileiros. É assim que se pode ver como um ex-presidente como Fernando Henrique Cardoso,<sup>7</sup> em cujo governo a taxa de encarceramento oscilava entre 10% e 13%, veio posteriormente propor a descriminalização da maconha ao participar de uma comissão da Organização das Nações Unidas - ONU. Esse aumento da população carcerária se traduz em violência entre os presos, contra os presos e também contra toda a sociedade.

Para entender o dispositivo do cárcere, é necessário entendê-lo como uma relação complexa de saberes e poderes. Foucault deslocou a análise do poder para o nível micro, articulando-a com a disciplina. Fundamental é também entender a amplitude da dimensão corporal do poder e como ele se inscreve nos atos, gestos e sua maquinaria.

**IHU On-Line - De que maneira a espetacularização das ações policiais se aproxima da ideia do "castigo do espetáculo" que Fou-**

causou impacto na ditadura militar brasileira e na sociedade da época, marcando o início de um processo pela democratização do país. A foto que mostra Herzog enforcado dentro de uma cela no DOI-Codi, em São Paulo, em 25-10-1975, foi manipulada pela ditadura, tratando-se de uma farsa para encobrir o seu assassinato pelo regime. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>7</sup> **Fernando Henrique Cardoso** (1931): Sociólogo, cientista político, professor universitário e político brasileiro. Foi o 34º Presidente do Brasil, por dois mandatos consecutivos. Conhecido como FHC, ganhou notoriedade como ministro da Fazenda (1993-1994) com a instauração do Plano Real para combate à inflação. (Nota da **IHU On-Line**).

**cault apontava nas sociedades modernas?**

**Manoel Barros da Motta** - Vivemos sob o regime da hipervigilância e da exposição à tela global. Smartphones, tablets, notebooks, computadores, câmeras de todo

“

***A atividade policial muitas vezes toma um caráter espetacular a alguns de seus atos***

tipo tornam o olhar onipresente, onividente. Esta vigilância se apropria de todos os nossos atos e gestos e até mesmo nós os tornamos públicos.

A atividade policial muitas vezes toma um caráter espetacular a alguns de seus atos, como a tomada do Morro do Alemão, no Rio de Janeiro, ocupado antes pelo tráfico. A pulsão escópica desvelada no filme *The Nightwalker* — o abutre —, em que os crimes noturnos em Los Angeles eram transmitidos a partir dos detalhes mais violentos e mórbidos, é de fato uma prática comum da TV brasileira e também do rádio.

O castigo público no Antigo Regime e mesmo na Antiguidade greco-romana e na Judeia, com as crucifixões, enforcamentos, torturas em público, tem um paralelo com o que ocorre atualmente. O cinema com cenas de perseguição, explosões, incêndios magníficos estes espetáculos. Sem dúvida, o crime e o castigo estão inscritos na dimensão contemporânea do espetáculo.

**IHU On-Line - Houveram prisões no Brasil que se valeram do panoptismo como expediente de vigilância? Quais?**

**Manoel Barros da Motta** - O sistema panóptico foi usado no Brasil na "Casa de Correção" da Corte, que começou a ser construída em 1830. Defeitos da construção impediram que do ponto central de observação todas as celas pudessem ser vistas. A Prisão do Recife, construída também no século XIX, que hoje é um prédio tombado pelo patrimônio histórico e funciona como centro cultural, conserva o efeito de visibilidade do panóptico. O asilo de mendicância do Rio de Janeiro também recorria a este dispositivo de vigilância e controle. O Hospital São Francisco Xavier, na Avenida Presidente Vargas, foi inicialmente o abrigo.

**IHU On-Line - Como se caracterizou o sistema prisional brasileiro durante os três grandes períodos históricos do Brasil: período Colonial, Imperial e a transição para a Primeira República (ou República Velha)?**

**Manoel Barros da Motta** - O sistema penal brasileiro no período colonial estava submetido aos códigos da era absolutista. Mas o escravismo, associado aos castigos físicos no processo de trabalho, distinguia o Brasil da metrópole portuguesa. Havia masmorras para guardar os futuros condenados. A prisão como castigo passou a ser a principal pena para a população livre. Era o traço principal do sistema penal do Império.

## **Escravos**

Para a população escrava restavam os castigos físicos que passam a macular todo o sistema. É isso que se observa em Fernando de Noronha, prisão central do Império, com cerca de 3 mil presos, onde o uso da gameleira para bater nos presos era uma prática comum. Finalmente, com o fim da escravidão, com a abolição e a República, o Brasil entra na era da punição moderna com a generalização da prisão como pena fundamental do sistema punitivo.

Evidentemente o estado destas cadeias era extremamente precário. Ele não era muito diferente do que dizia Nabuco de Araújo<sup>8</sup> no Império: “Geme a humanidade com o estado de nossas prisões”. Em um contexto histórico diverso e em uma sociedade marcada pelas tecnologias da informação e pelo uso intenso de Máquinas, pode-se perceber que a humanidade continua a gemer hoje. Foi o que revelou recentemente a situação das prisões no Maranhão.

**IHU On-Line - Pensando no processo histórico do sistema carcerário brasileiro, houve no Brasil unidades prisionais que seguiram o modelo do panóptico? Quais? Que particularidades apresentavam?**

**Manoel Barros da Motta -** De um lado temos a prisão centrada no modelo da vigilância total do modelo panóptico, como a fábrica moderna. Temos o moderno sistema escolar com vistas a fabricar indivíduos dóceis e úteis, voltados à obediência e à produtividade máxima. Com isso, pretende-se alcançar a obediência imediata e eliminar toda a subjetividade livre e toda singularidade. A medicina, no tratamento do corpo doente, ou a psiquiatria perseguem, também, uma política de normalização. A psicologia centrada no comportamento persegue o mesmo objetivo. Trata-se hoje mais de controlar do que redimir.

De outro, as exigências do sujeito contemporâneo levaram a uma exacerbação do individualismo, do consumismo. As singularidades podem se manifestar e mesmo os desejos das minorias, das particularidades individuais. Nisso tudo

**8 Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo** (1849-1910): político, diplomata, historiador, jurista e jornalista brasileiro. Foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras. Se opôs de maneira veemente à escravidão, contra a qual lutou tanto por meio de suas atividades políticas e quanto de seus escritos. Fez campanha contra a escravidão na Câmara dos Deputados em 1878 e fundou a Sociedade Anti-Escravidão Brasileira, sendo responsável, em grande parte, pela Abolição em 1888. (Nota da **IHU On-Line**)

há também os prazeres, os gozos, e até a pulsão autoagressiva. Daí advém a interdição que leva à repressão violenta ao consumo de drogas, bem como à sua comercialização. Recentemente, sobre a questão do uso privado de *canabis*, o ministro Gilmar Mendes<sup>9</sup> reconheceu que os sujeitos contemporâneos têm o direito, inclusive, de agirem contra o próprio bem-estar.

**IHU On-Line - De que maneira outras disciplinas como a medicina, o direito, a arquitetura, entre outras áreas do conhecimento, também se constituem como dispositivos de repressão? Quais as especificidades do caso brasileiro?**

**Manoel Barros da Motta -** Foucault situa a “forma prisão” como homóloga de outras formas de disciplinarização e normalização como a escola, a caserna, a fábrica. É o que faz com que algumas destas instituições se pareçam com as prisões. Assim como certas prisões ofereçam condições de vida semelhantes às das favelas ou “comunidades”.

**IHU On-Line - Por que é importante pensar o sistema prisional para além dos muros das penitenciárias?**

**Manoel Barros da Motta -** A prisão com trabalho era uma pena comum no século XIX no Brasil. Mas apenas no Rio de Janeiro, em São Paulo, no Recife e no Ceará havia oficinas para o trabalho. Saúde, trabalho e educação eram parte dos meios que deveriam reeducar os presos. Os campos de trabalho forçado foram levados para a Sibéria no Império Russo por sugestão de um penalista ocidental. Os campos de concentração nasceram, em parte, do modelo penitenciário moderno. O

**9 Gilmar Mendes** (1955): Ex-advogado, professor, magistrado e jurista brasileiro. Atualmente exerce o cargo de ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) desde 2002. (Nota da **IHU On-Line**)

uso da ciência na Shoa,<sup>10</sup> comumente chamada de holocausto, com sua monstruosa política de extermínio de judeus, anormais, comunistas e doentes, foi uma inovação extrema na direção do horror frente ao que Lacan chama de o desejo do Outro. É o que ele chama de Deus Obscuro: sacrifício em uma forma monstruosa manifestada pelo “drama do nazismo”.

**IHU On-Line - Como o trabalho se configurou, também, como uma forma de castigo? Como podemos compreender essa questão?**

**Manoel Barros da Motta -** Na Casa de Correção da Corte, Antonino José de Miranda Falcão,<sup>11</sup> que fez um importante relatório sobre as prisões americanas ao assumir a direção do primeiro presídio brasileiro, considerou que o trabalho nas oficinas precisava ser acompanhado de um suplemento punitivo. Para isto fez os presos quebrarem pedras na grande pedreira que existia atrás da penitenciária.

Na concepção judaico-cristã do pecado original, o trabalho e a morte aparecem como castigos. Mas tanto a compulsão de trabalhar como de não trabalhar são, sem dúvida, patológicas. ■

**10 Shoá:** também escrito da forma *Shoah*, *Sho'ah* e *Shoa*, que em língua iídiche (um dialeto do alemão falado por judeus ocidentais ou asquenazitas) significaria calamidade, sendo o termo deste idioma para o “Holocausto”. É usado por muitos judeus e por um número crescente de cristãos devido ao desconforto teológico com o significado literal da palavra Holocausto que tem origem do grego e conotação com a prática de higienização por incineração. Estes grupos acreditam que é teologicamente ofensivo sugerir que os judeus da Europa foram um sacrifício a Deus. (Nota da **IHU On-Line**)

**11 Antonino José de Miranda Falcão** (1798-1878): foi um tipógrafo e jornalista pernambucano, fundador do Diário de Pernambuco. Foi também secretário da província de Sergipe; administrador da Gazeta Oficial (RJ); diretor da Casa de Correção da Corte do Império (1849); cônsul-geral do Império nos Estados Unidos (1852); oficial de gabinete do governo da província do Rio Grande do Sul (1865) e redator do Diário Oficial, no Rio de Janeiro, cidade onde veio a falecer em 1878, aos 80 anos de idade. (Nota da **IHU On-Line**)

# O sistema que corrompe o direito de ser mulher

Numa pesquisa, Nana Queiroz revela que as cadeias punem e impedem que mulheres menstruem, sejam mães e cuidem da saúde com dignidade

*Por Leslie Chaves e João Vitor Santos*

**A** luta do feminismo prega que a mulher não seja tratada como um ser inferior ao homem. Porém, não recusa as particularidades do “ser mulher”. “O feminismo não fala em direitos iguais, mas em direitos equânimes, que significa igualdade para os iguais e diferença para os diferentes”, destaca a jornalista Nana Queiroz, em entrevista por e-mail à IHU On-Line, que parte dessa perspectiva para falar sobre o sistema carcerário feminino. Movida pela curiosidade, entra no mundo das penitenciárias femininas. Descobre que, como as masculinas, o binômio recuperar/ressocializar é mera retórica. E mais: além de tortura física e psicológica, o Estado reprime direitos básicos à mulher. “Ignora que mulher menstrua, aí elas têm que usar miolo de pão como absorvente interno. Ignora que elas ficam grávidas, há bebês nascendo em banheiro de carceragem pública. Ignora que elas precisam de Papanicolau”, aponta.

A experiência da jornalista nesse submundo ainda traz à luz o perfil da criminosa. Mais uma diferença entre gêneros. Ela, muitas vezes, encara o crime como subsistência sua e dos filhos. Ou, pior, é agredida e violentada para que faça parte de um sistema maior. “Só 10% cometeram crimes contra a pessoa. A maioria delas está lá por crimes pequenos de complemento de renda, como furto, roubo e, principalmente, por compor o baixo escalão do tráfico de drogas. São mulheres po-

bres, negras e pardas, jovens e mães solteiras, em geral”, revela. Nana ainda destaca: “um estudo no Rio Grande do Sul mostrou que cerca de 40% das mulheres que foram presas no estado estavam imediatamente fugindo da violência doméstica. Ou ela resolveu traficar para conseguir dinheiro para sair de casa e fugir da violência doméstica, ou o próprio marido batia nela para que ela cometesse os crimes pra ele”.

**Nana Queiroz** é escritora e jornalista, formada pela Universidade de São Paulo - USP. Tem seu trabalho voltado para questões de gênero. É especialista em Relações Internacionais, com ênfase em direitos humanos, pela Universidade de Brasília - UnB. Estudou Relações Internacionais também em Nova York e na Finlândia. Ainda é a organizadora do protesto on-line “#EuNãoMereçoSerEstuprada”. O protesto surgiu a partir de pesquisa divulgada pelo Instituto de Pesquisas Econômicas e Aplicadas - Ipea de que 65% dos entrevistados admitiram que muitas mulheres era estupradas porque mereciam (pela postura que adotavam). Mais tarde, o Ipea reconheceu o erro e divulgou que o índice é de 26%. O que, na opinião de Nana, muda pouco. “Um em cada quatro brasileiros ainda acredita que mulheres que vestem roupas curtas merecem ser atacadas”, disse em entrevistas à imprensa.

**Confira a entrevista.**



## *Criamos mulheres para serem fiéis nas dificuldades e homens para buscarem mulheres que lavem, passem e cuidem dos filhos*

**IHU On-Line** - Como você avalia a situação das penitenciárias femininas no Brasil?

**Nana Queiroz** - A situação é precária, mas isso é apenas um reflexo de como a sociedade brasileira encara a criminalidade. A ideia de que bandido bom é bandido morto tem impedido que órgãos do governo invistam recursos em mudanças reais e programas de transformação e reinserção social para a população carcerária. Quem perde é a população, que tem de lidar com criminosos que saem cada vez mais perigosos e violentos da cadeia, alimentando um ciclo de ódio social que, por sua vez, alimenta um sistema prisional cruel e que não recupera, mas solta na rua criminosos piores e assim por diante.

**IHU On-Line** - De que modo a perspectiva de gênero perpassa as questões da criminalidade e da punição?

**Nana Queiroz** - Quando pensamos em "ser humano genérico" no Brasil, pensamos no modelo masculino. Isso já começa com o idioma. No português, quando se tem 10 mulheres e um homem você fala em "eles" no plural. Isso não é assim em todas as línguas. Por exemplo, no finlandês existe uma palavra genérica para homens e mulheres. Quando você pensa em genérico não é normal pensar em homem. Normal é pensar nos dois, isso é que seria natural. No sistema carcerário não é diferente, se re-produz o modelo.

O feminismo não fala em direitos iguais, mas em direitos equânimes, que significa igualdade para os iguais e diferença para os diferen-

tes. Quando você trata todo mundo igual, você ignora, por exemplo, que mulher menstrua, aí elas têm que usar miolo de pão como absorvente interno. Você ignora que elas ficam grávidas, há bebês nascendo em banheiro de carceragem pública. Você ignora que elas precisam de Papanicolau<sup>1</sup>. Há mulheres que desenvolvem câncer de colo de útero desnecessariamente. Ou seja, você ignora uma série de coisas que resultam em direitos humanos violados.

Agora, pense se o padrão genérico fosse o feminino. O homem ganharia absorvente, o que também seria ruim, porque seria um excesso de gastos para o sistema público. Então, é importante que a gente saiba que a biologia nos faz diferentes, a cultura nos faz diferentes. Algumas dessas diferenças têm que ser combatidas, principalmente as do mercado de trabalho, por exemplo. Mas as diferenças que estão aí postas têm que ser lembradas, principalmente porque as que precisam ser combatidas só vão ser combatidas se a gente lembrar que existem.

### **O silêncio e os tabus**

Tenho uma outra teoria: tabus são mantidos pelos que se recusam a falar sobre eles. E nós, enquanto sociedade, evitamos falar de mulheres encarceradas. Convencemos a nós mesmos de que certos aspectos da feminilidade não existirão se nós não os nomearmos ou se só falarmos deles bem baixinho. Assim,

<sup>1</sup> **Teste de Papanicolau:** exame ginecológico de citologia cervical realizado como prevenção ao câncer do colo do útero. (Nota da **IHU On-Line**)

ignoramos as transgressões de mulheres como se pudéssemos manter isso em segredo, a fim de controlar aquelas que ainda não se rebelaram contra o ideal da "feminilidade pacífica". Ou não crescemos ouvindo que a violência faz parte da natureza do homem, mas não da mulher? Ou seja, esse silêncio é mais uma faceta do machismo.

**IHU On-Line** - De modo geral, qual é o perfil das presas? Que tipos de delitos são mais cometidos?

**Nana Queiroz** - A mídia só olha para mulheres quando há casos escandalosos como os de Suzane Richthofen<sup>2</sup>. Isso dá à população uma impressão equivocada sobre quem são as mulheres presas. Só 10% cometeram crimes contra a pessoa, os realmente violentos. A maioria delas está lá por crimes pequenos de complemento de renda, como furto, roubo e, principalmente, por compor o baixo escalão do tráfico de drogas. São mulheres pobres, negras e pardas, jovens e mães solteiras, em geral.

Antes de entrar no crime, muitas são vítimas da violência doméstica. Um estudo no Rio Grande do Sul mostrou que, recentemente, cerca de 40% das mulheres que foram presas no estado estavam imediatamente fugindo da violência doméstica. Ou seja, o marido batia (ou estuprava) nela e nos filhos e ela teve que fugir. Sozinha, não conseguiu sustentar os filhos. Ou ela resolveu traficar para conseguir dinheiro para sair de casa e fugir da violência doméstica, ou o próprio marido batia nela para que ela cometesse os crimes pra ele. Havia maridos que obrigavam as mulheres a vender drogas pra eles. Veja bem, essas mulheres são vítimas, não são criminosas.

<sup>2</sup> **Caso Richthofen:** denominação pela qual se tornou conhecido o homicídio de Manfred e Marisia von Richthofen, casal assassinado pelos irmãos Daniel e Cristian Cravinhos a mando da filha Suzane von Richthofen. Suzane e Daniel eram namorados e, com ajuda de Cristian, tramaram o crime, que ocorreu em 2002. Suzane e Daniel Cravinhos foram condenados a 39 anos e seis meses de prisão; Cristian Cravinhos foi condenado a 38 anos e seis meses de reclusão. (Nota da **IHU On-Line**)

Como a sociedade está tratando isso? Gastamos entre dois e três mil reais por detenta, por mês, no Brasil. Esse dinheiro não poderia servir para prevenir que essas mulheres fossem presas? Eu acho que trabalhar na prevenção é a coisa mais inteligente que podemos fazer enquanto sociedade.

**IHU On-Line - Quais são os desafios de se colocar em debate a questão das mulheres encarceradas em uma sociedade permeada por uma cultura predominantemente machista e que em geral vê o sistema penal como um meio de vingança e castigo?**

**Nana Queiroz** - É um desafio puro de empatia. A sociedade se esquiva do problema facilmente, pois não sente empatia pelos encarcerados. E aí a culpa é, em grande parte, da imprensa. Trata os criminosos como se fossem todos psicopatas ao só cobrir crimes escandalosamente cruéis. A verdade, porém, é que há muitas pessoas presas por crimes que muitos de nós cometeríamos em situações de penúria e desespero, como o furto por exemplo. Como não se identificar com mulheres que roubaram porque o salário que ganhavam trabalhando 12 horas ao dia não alimentava os filhos?

**IHU On-Line - Recentemente você lançou o livro *Presos Que Menstruam. A brutal vida das mulheres - tratadas como homens - nas prisões brasileiras*<sup>3</sup>. Como surgiu a ideia de escrever sobre esse assunto?**

**Nana Queiroz** - O livro é resultado daquela magia que as mulheres fortes exercem sobre outras mulheres. Esse livro foi inspirado numa grande mulher chamada Rosália Naves que, num jantar, me contou sobre a experiência dela trabalhando no sistema carcerário feminino. Eu fiquei encantada. Tentei ler mais sobre isso depois do jantar, mas pesquisando na internet não encontrei nenhum livro, nenhum grande filme. Não havia nada sobre as mulheres presas

- elas eram completamente invisíveis. Eu tinha que quebrar esse silêncio.

**IHU On-Line - Como foi o processo de pesquisa para o livro?**

**Nana Queiroz** - Nos quatro anos de pesquisa para fazer este livro, a maior dificuldade era entrar nas carceragens públicas, delegacias

“  
**Como não se identificar com mulheres que roubaram porque o salário que ganhavam trabalhando 12 horas não alimentava os filhos?**

e penitenciárias. Porque o Estado sabe que está fazendo coisa errada e não nos deixa entrar. Usa a estratégia do silêncio. O jornalista pede autorização para entrar e eles não dizem não. Simplesmente não respondem e esperam você se cansar. Para driblar isso, eu usei várias estratégias. Entre elas, me corresponder com detentas para poder entrar como parente. Ainda me ofereci a trabalhos voluntários, entrei pela porta do fundo, pela enfermaria junto com médico. Fiz tudo que podia para conseguir entrar e descobrir um pouco mais sobre elas.

### **A convivência com as presas**

Cheguei a visitar muitas presas durante meses, fazer muitas entrevistas. Até me hospedei na casa de uma delas na Bahia, a Glicéria, que se tornou minha amiga. Mas gosto de falar da Safira, que foi muito especial. Eu me identificava muito com ela. Era uma moleca como

eu, muito sonhadora, muito guerreira, tinha muita vontade de ter um grande amor. Porém, ao mesmo tempo, era muito dona de si e achava que a condição de mulher não a diminuía e queria desbravar terrenos masculinos.

Eu também, como ela, nasci em uma família grande na periferia e era a filha mais velha. Tinha responsabilidades pelos menores. Sonhava em crescer na vida e me tornar uma grande mulher e profissional, como ela. Pequenas diferenças na nossa história me fizeram aluna da Universidade de São Paulo - USP, jornalista, escritora, casada com um homem bom e generoso. Enquanto ela acabou se casando com um homem agressivo, engravidou cedo e foi obrigada a deixar a escola. Percebi que éramos tão parecidas que, se eu tivesse vivido a vida dela e ela a minha, era possível que a gente estivesse ali naquela mesma mesa. Porém, com os lugares trocados.

**IHU On-Line - Você trabalha com a ideia de que mulheres encarceradas são tratadas como homens. Como isso se revela nas especificidades relacionadas à saúde e à higiene da mulher nos presídios femininos?**

**Nana Queiroz** - Essa é a primeira questão que salta aos olhos. A falta de absorventes faz com que algumas tenham que recorrer a pedaços de jornal ou miolo de pão como absorventes improvisados. Grávidas não têm pré-natal, não existe Papanicolau ou exame de mama. Como resultado, mulheres têm cânceres que poderiam ser evitados.

### **Bebês encarcerados**

Não existem condições especiais para gestantes. Se precisar dormir no chão, dormem. Não há tratamento pré-natal e muitas sofrem até mesmo tortura. Há casos, até na capital do país, em que presas dão à luz nas celas, em cima de sacos de lixo. A pior situação, contudo, é a dos bebês presos. Hoje, cerca de 1.900 crianças moram nas

<sup>3</sup> São Paulo: Record, 2015. (Nota da IHU On-Line)

cadeias do Brasil com as mães, que cumprem penas. Elas também vivem em celas imundas e sem condições minimamente dignas. Mães são torturadas e bebês são obrigados a assistir à tortura.

E essas crianças nem sequer precisam estar presas. O perfil dos crimes que levam as mulheres à cadeia é diferente dos que levam o homem. Se somente 10% das mulheres cometeram crimes violentos, crimes contra a pessoa, a maioria delas poderia estar amamentando em casa, cumprindo pena domiciliar. Já existe a caneleira eletrônica, tecnologicamente isso é possível.

Naturalmente, as presas perigosas têm mesmo que ser afastadas do convívio social. Eu, de maneira nenhuma, vou defender a impunidade. Mas existem casos e casos e, para crimes mais leves, há uma série de penas alternativas que poderiam ser muito benéficas para as mulheres. É o caso do tráfico de drogas no pequeno escalão - que é só aquela pessoa que vende mesmo, não é o líder do tráfico, não mata, não achaca. Furto, roubo de supermercado, caixa eletrônico... sabe essas bobagens?

## O sistema falido

Na verdade, é necessário repensar o sistema carcerário como um todo. E como a gente coloca as pessoas na cadeia no Brasil. Nosso sistema carcerário é falido, estamos gastando demais, prendendo gente demais, superlotando e cada vez reinserindo menos gente na sociedade - a taxa atual de reincidência no crime é de 70%, muito alta. É importante que a gente repense isso.

**IHU On-Line - Como é a questão da visita íntima nos presídios femininos?**

**Nana Queiroz** - Até bem recentemente, se negava às mulheres o direito à visita íntima. Era dado apenas aos homens, com a justificativa de que homens "precisam" de sexo e mulheres não. Foi necessário muita luta para conquistar o direito à visita íntima, há uma década e meia. Porém, quando o direito foi conquistado, perceberam que não havia muitos homens dispostos a enfrentar a humilhação da revista íntima para visitar suas esposas. Bem triste.

“

## Tabus são mantidos pelos que se recusam a falar sobre eles

**IHU On-Line - Como é a relação das presas com as agentes penitenciárias?**

**Nana Queiroz** - O sistema carcerário feminino é o que é não por falta de coração de quem trabalha lá. É por culpa do Estado que não dá a essas pessoas as condições adequadas para fazerem bem seu trabalho. Durante minhas visitas, conheci muita gente que tirava dinheiro do próprio bolso para ver os projetos acontecerem. Comovente. Há também, é claro, os carcereiros e carcereiras grosseiros que maltratavam até mesmo as crianças que visitavam as mães. As posturas são variadas, como em geral são as pessoas no mundo.

**IHU On-Line - O que você pode falar acerca dos casos de tortura?**

**Nana Queiroz** - Como a mulher é, geralmente, fisicamente mais

fraca, esperava-se que os casos de violência e tortura fossem mais raros. Mas não. Minha apuração mostrou que a violência policial se manifesta para homens e mulheres de maneira igual e, até mesmo, para bebês.

Gosto de falar do caso do Luca, cuja mãe foi torturada com ele nos braços. Além de assistir tudo isso, o pequeno, que tinha apenas três meses, levou um golpe de algema no olho e teve que ir ao hospital. Conheci o Luca quando ele tinha um ano e a pediatra dele estava muito preocupada com sua saúde mental. O menino era completamente apático, não sorria, não chorava.

**IHU On-Line - A que você atribui o abandono de presas, que sequer recebem visita de maridos e familiares?**

**Nana Queiroz** - Atribuo ao machismo, única e exclusivamente. No Brasil, criamos mulheres para serem fiéis nas dificuldades e homens para buscar mulheres que lavem, passem e cuidem dos filhos. Quando elas não podem mais cumprir essas funções, os parceiros simplesmente as descartam.

**IHU On-Line - A questão da revista vexatória apareceu durante sua pesquisa?**

**Nana Queiroz** - Sim, muito. Eu mesma fiz questão de passar por isso para ver como era. Em uma sala eles colocam até 10 mulheres nuas. Te fazem abaixar em cima de um espelho e rebolar, para ver se cai droga. É uma completa humilhação desnecessária (pela qual passam até crianças) que poderia ser evitada com scanners corporais que são, além de tudo, mais eficazes. ■

## LEIA MAIS...

— *Penitenciária feminina e o "pacote padrão"*. Entrevista com Nana Queiroz, publicada nas *Notícias do Dia*, de 15-08-2013, no sítio do IHU, disponível em <http://bit.ly/1KSdSAC>.